

Comunidades religiosas: a busca pelo enraizamento social na alta modernidade

Religious communities: the search for social roots in the high modernity

Adriano Carlos de Almeida¹
Ana Louise de Carvalho Fiúza²
Paulo Antônio Marciano³
Sheila Maria Doula⁴

RESUMO: Buscamos compreender como a religiosidade pode emergir na alta modernidade, na condição de forma de identidade e pertencimento, em resposta aos preceitos modernos. Para tanto, escolhemos o processo de construção de comunidades religiosas vinculadas ao Movimento de Renovação Carismática Católica. O objeto deste estudo foi a *Fraternidade Pequena Via* na cidade de Viçosa-MG. Tais formas de experiência religiosa parecem caracterizar-se pelo aglutinamento de sujeitos que veem a sociedade individualista e materialista como um sinal da falência do mundo. A *Fraternidade Pequena Via*, dentro deste escopo, parece crescer pelas críticas em relação aos valores da alta modernidade, tidos como ameaça aos valores cristãos e à vida familiar.

ABSTRACT: The aim of this study is to understand the way religiousness can emerge in the High Modernity, as identity and belongings ways, answering to the modern concepts. For this purpose, we chose the process of building religious communities linked to the experience of the Catholic Charismatic Renewal Movement. The object of this investigation was the community *Fraternidade Pequena Via*, in Viçosa City - MG. These means of religious experience seems to be characterized by the coalescing of subjects, who see the individualist and materialist society as indicator of world failure. The *Fraternidade Pequena Via*, in this context, seems to grow, considering the criticism in relation to The High-Modernity values, observed as threat to Christian values and to the familiar relationship.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade. Religião. Alta Modernidade.

KEYWORDS: Community. Religion. High-modernity.

I. INTRODUÇÃO

Em um mundo em que cada vez mais a crise em torno das identidades é iminente e em que o individualismo e a competitividade conduzem a um acirramento e

à perda das raízes culturais e dos valores, como a crença em Deus e no transcendente parece se esvaziar, percebe-se, como paradoxo, o surgimento e o fortalecimento de comunidades religiosas talvez como uma possível resposta a esse contexto percebido como instável e inseguro. Objetivamos, neste estudo, compreender o processo de construção da identidade e das formas de pertencimento sob o direcionamento das ideias religiosas e simbólicas. Para tanto, escolhemos o processo de construção de comunidades religiosas vinculadas ao catolicismo a partir da experiência do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC) no Brasil. Analisamos de que modo a religião e a religiosidade emergem como possibilidade da construção de laços de identidade e de pertencimento, como resposta aos preceitos modernos, entre eles, o individualismo.

Enquanto os movimentos de contracultura das décadas de 1960 e 1970 pregavam a negação dos valores da modernidade, buscando uma fuga do mundo moderno, as comunidades religiosas do MRCC, de fins do século XX, parecem não desejar uma ruptura com a sociedade dominante. Procuram, antes, projetar uma superação de características que existem nela, tais como o materialismo, o individualismo e a competitividade sem, no entanto, dela se isolarem. Tais comunidades religiosas surgem baseadas na ideia de estreitamento dos vínculos afetivos não-individualizados e do fortalecimento de uma vida de retidão, fé e orações comuns, que tem como objetivo estender-se para a sociedade.

O objeto de estudo da pesquisa cujos resultados ora apresentamos foi uma comunidade religiosa, a Fraternidade Pequena Via, na cidade de Viçosa-MG, ligada ao Movimento de Renovação Carismática Católica, embora se situando dentro de um campo de relativa autonomia. Neste estudo, objetivamos compreender o processo de construção da identidade e das formas de pertencimento na alta modernidade que, de acordo com Giddens (1991), se caracteriza como um período de desenraizamento social dos indivíduos, os quais cada vez mais passam a viver em lugares distantes de suas terras de origem, deslocando-se para as áreas mais dispersas do globo. Isto conduz a um processo que promove o distanciamento dos valores culturais e a perda gradual dos vínculos de pertencimento social. Tal processo, conjuntamente à perda do sentimento de grupo, pode ser entendido como a sinalização cada vez mais intensa de uma nova cidadania-mundo.

Visto todo este quadro conjuntural, a importância deste estudo se dá pelo fato de tratá-lo como investigação das novas feições que a alta modernidade adquire, percebendo a modernidade como não-linear e não-evolutiva. As ingerências da modernidade implicam movimentos que lhes são opostos e, paradoxalmente, complementares. Estudar as novas dinâmicas sociais, o retorno às comunidades e a nova configuração das identidades constitui fato crucial para

1 Professor do Núcleo de Ensino Professor João Martins, pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas da Contemporaneidade . E-mail: acalmeida2001@yahoo.com.br

2 Professora adjunta da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: louisefiuza@ufv.br

3 Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: dfpaulo@yahoo.com.br

4 Professora adjunta da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: sheila@ufv.br

que entendamos os caminhos tecidos rumo a uma sociedade pós-moderna.

2. MARCO TEÓRICO

Para Bauman (2003), a palavra comunidade remete a algo bom, à sensação de bonança, de aconchego, ou seja, lugar onde nos encontramos seguros, lugar de descanso e de reflexões. O conceito traz a noção de confiança que se estabelecerá contraposta ao sentimento de insegurança vivenciado em tempos de alta modernidade. Porém, de acordo com o autor, a comunidade não seria mais um mundo alcançável. As relações se fariam em relação a um sentimento de saudosismo. A comunidade no seu conceito tradicional é inatingível. Bauman aponta a contradição entre a comunidade imaginada e a realmente existente. As dissonâncias se dão puramente no campo do imaginário, configurando-se em uma perspectiva de projeto a se construir.

Bauman percebe a comunidade como um campo de possibilidade para a afirmação da identidade e da autoafirmação do indivíduo em conviver entre iguais. Um dos conceitos essenciais para o entendimento da configuração das comunidades religiosas é o de identidade. Este conceito nos permite a compreensão dos laços que ligam os indivíduos dentro das comunidades, proporcionando-lhes um ideal comum que se estabelece consoante os referenciais histórico-culturais.

Trabalhando, também, em torno desta temática, Castells (2002) argumenta que toda identidade é socialmente construída, sendo seu conteúdo e significado determinados por motivações advindas dos atores que a constroem. Para o autor, no processo de construção, a identidade herda elementos da história, da geografia, da biologia, das instituições produtivas e reprodutivas, assim como da memória coletiva e das fantasias pessoais. Também faz uso dos aparatos do poder e de revelações de cunho religioso. Desta miscelânea, o autor concebe três formas de construção de identidades marcadas por relações de poder. A primeira é a identidade legitimadora, que seria veiculada pelas instituições sociais consideradas dominantes, e a indústria cultural, os poderes político das grandes potências econômicas são exemplos que bem representam este tipo de poder legitimador. A segunda é a identidade de resistência, construída pelos atores que se encontram marginalizados e lutam contra a dominação, criando assim o que ele chama de “trincheiras de resistência”, e sob determinados aspectos, o movimento de contracultura enquadra-se neste exemplar. A última está em torno da identidade de projeto, que se estabelece quando os atores sociais constroem uma nova identidade que possa redefinir sua posição na sociedade⁵.

Ainda na mesma linha de discussão, Stuart Hall (2003) problematiza a ideia de identidade, salientando que as velhas identidades, que por longo tempo

5 Castells (2002) salienta que a identidade de projeto se caracteriza por um desejo de expansão a todo o restante da sociedade de uma determinada visão de mundo e de conduta. Podendo, nesse sentido, ter-se a transformação de uma identidade antes de resistência, em identidade de projeto, quando ela melhor caracterizar as motivações e objetivos dos atores que a conduzem.

geraram uma estabilidade para o mundo social, parecem cada vez mais entrar em declínio. Assim, o autor aponta o surgimento de novas identidades no mundo contemporâneo, que tendem a fragmentar o indivíduo moderno, até, então, visto como um sujeito unificado. A abordagem de Hall está assentada em torno da chamada “crise de identidade” do mundo pós-moderno, compreendida como parte de um processo mais amplo de mudança, que acaba por deslocar as estruturas e os processos centrais sobre os quais se estruturavam as sociedades modernas, abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Antony Giddens (1991), em seu livro *As consequências da modernidade*, vai ao encontro de todas essas problematizações ao discutir o momento histórico atual, destacando-o como um período em que as características que marcaram a modernidade, entre elas o individualismo, a competitividade, a crença na ciência e poder do homem de dominar a natureza, encontram-se em um processo de radicalização. Segundo o autor, é possível compreender os contornos de uma nova ordem, que é diferente e configura um cenário que cada vez mais se torna carregado e perigoso, levando, assim, aos riscos e incertezas que caracterizam o mundo atual. Tal processo aponta para o que Giddens denomina de alta modernidade (GIDDENS, 1991, p. 13;19).

O conceito de alta modernidade está intrinsecamente ligado à análise que propomos neste trabalho, tratando, desse modo, das formas em meio às quais as condições de vida se estabelecem em um ambiente desenraizado, ou seja, onde os indivíduos se encontram sem vínculos de pertencimento. Esta contextualização parece se estabelecer em Viçosa-MG quando a percebemos como cidade universitária. A quase totalidade dos estudantes e professores que compõem a chamada “comunidade acadêmica”, de cerca de 15.000 pessoas, não é nativa. Ao contrário, fixa moradia na cidade quando de sua aprovação em concurso público ou processo seletivo de graduação e pós-graduação. Nessa perspectiva, ao chegarem a Viçosa, não encontram, em princípio, vínculo algum de pertencimento, uma vez que estes vínculos, exemplificados pela família, amigos, escola, trabalho, igreja e outras instâncias de sociabilidade foram deixados em suas cidades de origem. Assim, tais elos precisarão ser reconstruídos e esta reconstrução tende a se dar com base em condições de afinidade e interesses comuns. É possível compreender que vários grupos de afinidade começam a ser erguer, tendo como suporte de aglutinação ou identidade motivações políticas, espirituais, esportivas, profissionais ou mesmo científicas. Comum a todas estas facetas, estão as necessidades de vinculação e pertencimento que possam suprir a ausência caracterizada pelas novas condições e pela nova etapa na vida destes sujeitos.

De forma paradoxal a esse contexto de instabilidade e indefinições, teorizado por Giddens (1991) e Hall (2003), parecem, cada vez mais, se fortalecer os sentimentos nacionalistas mais localizados e a valorização de identidades em culturas regionais que disputam territórios e afirmam o seu poder. Este

movimento também é característico entre aqueles que buscam na religião uma resposta para dúvidas e anseios, que se agravam ainda mais pelo fato de estarem envolvidos em um contexto onde cada vez mais as raízes sociais parecem se diluir e as formas de pertencimento social perdem a sua força na construção das identidades coletivas.

A respeito dessa tendência contrária à lógica de individualismo moderno, de competitividade, de perda das raízes e racionalismo intrínsecos, que parece apontar para a morte dos valores religiosos e da crença em Deus, chamamos atenção para a emergência de uma resignificação do entendimento e concepção do sagrado no mundo da alta modernidade. Nesse sentido, o que se percebe é uma reformulação do pensamento religioso no mundo atual, que parece construir sua identidade pautada na importância das relações humanas e na manutenção das formas de pertencimento, opondo-se à desintegração acelerada das formas coletivas tais como a família e as próprias igrejas.

3. METODOLOGIA

Para compreender o processo de construção de identidade na Fraternidade Pequena Via, a pesquisa adotou, além da revisão de literatura, os seguintes procedimentos metodológicos: a observação não-participante e entrevistas semiestruturadas com os membros da comunidade. Através desta estratégia, foi possível perceber quais são os laços de identidade tecidos dentro da comunidade, a relação dos participantes com o espaço e a interação da comunidade – sociedade.

Após a primeira etapa de nosso estudo, que consistiu em uma extensa análise teórica em torno da problematização acerca das identidades no contexto da alta modernidade, articulamos a etapa seguinte, que foi constituída de uma observação não-participante. Esta observação foi realizada durante constantes visitas à Fraternidade Pequena Via nas suas reuniões abertas aos sábados, em que todos os membros se reúnem para cumprimento das atividades internas de espiritualização e discussão teológico-filosófica. Para cada visita, foi elaborado um roteiro de observação cujo conteúdo se ocupava com o foco de cada visita. Após as reuniões, eram elaborados sucintos relatórios que continham as principais impressões da visita. Em outro momento, durante nossas reuniões semanais de pesquisa, sistematizamos as reflexões acerca das observações feitas na comunidade, obtendo, assim, um momento de aplicação das literaturas até então levantadas.

Na segunda etapa da pesquisa, foram feitas as entrevistas, momento em que questionamos a respeito do espaço e identidade da comunidade. Foram realizadas, além de diálogos eventuais, entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade de diferentes perfis. A amostra dos entrevistados foi diretiva e não aleatória, visto que nos interessava trabalhar com entrevistas em profundidade com os membros mais antigos da comunidade que possibilitassem construir a história da comunidade e, também, com aqueles que tinham vínculos com a Universidade, visto que como grande parte dos estudantes e professores

são de fora de Viçosa, tais participantes poderiam ser indivíduos desenraizados socialmente.

Em tais entrevistas, buscamos compreender a construção da identidade religiosa e os laços de pertencimento existentes na comunidade, assim como os motivos que levaram os seus membros a um processo de ingresso efetivo. Com base de análise em uma amostra quali-quantitativa, fizemos 15 entrevistas semiestruturadas com os membros; dez com os que haviam ingressado na comunidade recentemente, entre 1 e 2 anos; e as outras cinco com os membros mais antigos, entre os quais, os fundadores. Tal amostra representa 75% daqueles que residem na comunidade e 25% de membros não-residentes.

Na última etapa da pesquisa, foram realizadas mais três visitas para a elaboração de uma descrição que captasse detalhes da comunidade que não haviam sido percebidos e registrados. A preparação para tal tarefa exigiu exercícios e reflexões acerca das práticas descritivas. Questões sobre distanciamento e alteridade foram levantadas nas reuniões. Esta última etapa foi de fundamental contribuição para o detalhamento das atividades realizadas na vida em comunidade e para a identificação de quais elementos eram preponderantes para a sua coesão.

4. O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA (MRCC)

No contexto de uma conjuntura formada pelo desenraizamento social e pela perda de vínculos identitários que caracterizam a alta modernidade, circunscreve-se o crescimento de movimentos culturais de caráter religioso. Entre eles, situa-se o Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC), que, de acordo com Alvarenga (2002), inicia suas atividades no ano de 1967 na cidade de Pittsburgh (EUA), ligado a alunos e professores da Universidade Duquense. Em um momento inicial, professores e estudantes buscavam experimentar o chamado *batismo do Espírito Santo* e, a partir daí, desenvolver os dons carismáticos com base em leituras pentecostais e participação em encontros *interdenominacionais*⁶. No Brasil, o MRCC foi introduzido em 1969 por membros da própria hierarquia católica.

Entre os elementos principais do MRCC, estão os chamados carismas, entendidos como dons e talentos, que, sendo entregues aos fiéis, passam a dar-lhes uma identidade especial dentro do grupo religioso ao qual pertencem. O uso dos carismas é uma das formas diferenciais do MRCC em relação aos outros movimentos religiosos no âmbito da Igreja Católica⁷. É por meio da atribuição de carismas que se formam as comunidades religiosas que abarcariam um carisma específico de forma coletiva. Este carisma, encarado sob a forma de “missão”,

6 De acordo com Alvarenga (2002), nestes encontros se reuniam pessoas que já haviam passado pelo Batismo e que revelavam e incentivavam a experiência.

7 De acordo com Juanes (*apud* ALVARENGA, 2002), os carismas são tanto um elemento característico do MRCC, quanto também um elemento fundamental, por isso lhes é reservado um tratado especial. Um dos méritos do MRCC é recordar a importância dos carismas na vida da comunidade cristã e de seus membros; nesse sentido, sua presença na Igreja não seria acessória.

incentivaria e justificaria o surgimento das comunidades, que sustentariam nele a sua função existencial. Considerando que a difusão dos carismas se aproxima do ideário religioso difundido pelas igrejas evangélicas, o incentivo à criação dessas comunidades poderia marcar uma ruptura na forma de difusão da fé católica, que agora utilizaria, além dos próprios templos, novos espaços de manifestação.

De acordo com Mariz (2009), entre as primeiras e mais importantes comunidades religiosas que seguem este perfil e se encontram ligadas ao ideário do MRCC no Brasil, estão a Comunidade Canção Nova, com sede em Cachoeira Paulista (SP); a Comunidade Shalom, em Maceió (AL); e a Toca de Assis, em Campinas (SP). Embora não estando oficialmente vinculadas ao MRCC, estas Comunidades se destacam dentro do movimento pelo fato de serem as mais antigas e também as que mais congregam membros. Mariz (2009) ressalta que dentro Igreja Católica no Brasil o MRCC tem se destacado não apenas por sua popularidade, mas, principalmente, por suas críticas aos valores da sociedade secular, compreendidos como uma ameaça aos valores cristãos e à própria vida familiar. Nesse sentido, embora na verdade o MRCC esteja apenas defendendo o discurso oficial da Igreja Católica, ele o faz com uma convicção tamanha que o singulariza em relação a outros setores dessa igreja, especialmente, aos mais intelectualizados e politizados.

Para Mariz (2009), existe uma possível relação entre esse tipo de discurso, que ele entende como relativo aos valores individualistas da modernidade, e a criação e difusão das comunidades religiosas. Assim, levanta a hipótese de que essas comunidades poderiam oferecer alternativas aos que, por razões diversas, se sentem impossibilitados de participar de uma família ou estão insatisfeitos com o modelo de família existente na contemporaneidade. Essas comunidades se aproximariam, então, de propostas comunitárias surgidas em movimentos contraculturais durante as décadas de 1960 e 1970 e, também, de comunidades criadas por grupos esotéricos com religiosidade moldada pelo estilo Nova Era. Destaca-se, nessa medida, a semelhança destas comunidades com experiências ainda mais antigas e tradicionais dentro do cristianismo, tais como as Ordens religiosas tradicionais.

Contudo, o MRCC tem chamado a atenção de inúmeros pesquisadores em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, pelo processo de criação das Comunidades Religiosas, que Mariz (2004) chama de “Comunidades de Aliança e Vida no Espírito Santo”. De acordo com seus estudos, a partir das experiências de “Oração no Espírito”, que ocorrem em pequenos grupos que se encontram semanalmente nas paróquias e, também, dos chamados “Seminários no Espírito”, esses católicos, que se autodenominam “renovados”, tomam a decisão de construir as comunidades religiosas.

Mariz (2009) ressalta que estas comunidades surgem por iniciativas de determinadas lideranças que emergiram no MRCC, sendo algumas leigas. Há casos de comunidades fundadas por clérigos, por casais, outras por um grupo de jovens, demonstrando que a espontaneidade de seu surgimento apresenta

indícios de autonomia em relação à hierarquia do Movimento. Assim, embora estejam ligadas ao MRCC, as comunidades religiosas não fazem parte de sua estrutura, pois não estão vinculadas oficialmente à sua hierarquia funcional, tal como estão os Grupos de Oração e outros órgãos de direção. As comunidades se relacionam com estes grupos, mas mantêm sua autonomia, ocorrendo casos em que não se definem como parte do MRCC, muito embora tenham surgido com base em experiências de seus membros dentro desse movimento.

No caso específico do Brasil, as comunidades se multiplicam tanto em número de membros como de casas, expandindo-se por vários estados da federação, chegando a alcançar inclusive o exterior. Cada uma das comunidades, de forma similar às ordens e congregações religiosas, tem um carisma fundador e regras próprias que, se por um lado parecem lembrá-las, por outro, diferem bastante entre si. Isto é perceptível quando nessas comunidades se reúnem, numa mesma casa, fiéis de ambos os sexos e, também, casais com filhos. As comunidades se sustentam, na maior parte das vezes, pelo trabalho de seus membros, mas em geral contam sempre com a doação dos chamados membros de aliança, que seriam aqueles que se vinculam à comunidade, mas não abandonam sua vida secular.

5. A FRATERNIDADE PEQUENA VIA

Neste estudo, centralizamos nossas análises no processo de construção da identidade e das formas de pertencimento na comunidade Fraternidade Pequena Via, na cidade de Viçosa-MG. Esta comunidade religiosa tem se fortalecido entre membros da estrutura da Igreja Católica local, de forma especial nos setores que se aproximam do MRCC, ainda que, segundo os fundadores, mantenha um suposto distanciamento em relação a ele. Entre os 70 membros que a integram, encontram-se professores e estudantes universitários, comerciantes, professores secundaristas, entre outros profissionais. O ingresso dos membros parece se dar sempre a convite dos que já se encontram vinculados ou, ainda, por meio de uma ligação estreita com os núcleos do MRCC local, sugerindo uma relação de aproximação entre ambos.

No aspecto financeiro, a sobrevivência da comunidade parece ocorrer, tal como esclarecem nossos entrevistados, por meio de doações dos próprios membros que trabalham fora da comunidade, além de doações de terceiros, que, se interessando pela causa, acabam por se situar como “benfeitores”. A comunidade também oferece, por meio de um *centro de espiritualidade*, cursos e palestras, cuja renda reverte para a manutenção das atividades internas, como a ajuda para realização de retiros e trabalhos assistenciais. Entre estes últimos, a comunidade mantém e coordena um centro educacional para crianças carentes e suas famílias. É interessante destacar, também, um tipo de ajuda mútua estabelecida entre os membros fundadores, que parecem compartilhar de uma “redistribuição da renda”, a que denominaram “Economia Solidária”.

Na avaliação dos membros da Fraternidade Pequena Via, o fato de a chácara onde a comunidade tem a sua sede situar-se em Nova Viçosa, um

bairro de periferia marcado por graves problemas sociais, dá grande relevância ao trabalho por eles desenvolvido. A comunidade é, dentro deste campo de representação, percebida pelos seus membros como um espaço de transcendência da realidade mundana, ao ser concebida como um espaço marcado pela espiritualidade e pela oração. Percebemos isso em duas das falas dos mais antigos membros da comunidade. Segundo eles:

(...) a Pequena Via tem uma importância fundamental no bairro, como um local de reunião, um local que nos leva à oração. E a oração é como se fosse o cimento que une e modela os tijolos. A chácara da comunidade tem essa finalidade, de ser a junção dos seus membros. A gente vem aqui é para rezar, para partilhar, para nos formar e levar isso para fora da comunidade, mudando também a vida daqueles que mais precisam. Para mim, a comunidade é um presente e tem um papel fundamental de união e de oração.

Acho que acima do espaço em que gente está existe a espiritualidade em si. Eu me identifiquei muito com Santa Terezinha, então é isso que se torna o elemento principal que me traz aqui. Mas esse espaço físico ajuda muito, porque é um lugar tranquilo, de muita paz.

Neste sentido, destacando essas colocações dos membros da Fraternidade Pequena Via, pode-se recorrer a Bauman (2003), que argumenta que a busca por segurança, pela ideia de comunidade, seria uma feição marcante da nossa sociedade nos contextos atuais de fragmentação e de individualismo. Durante toda a modernidade, os aspectos preponderantes para a estabilidade dos significados foram perdidos e não poderiam mais ser facilmente alcançados. Assim, as colocações elaboradas pelos entrevistados acima sugerem que nesta comunidade, de um modo geral, os membros reinterpretem as condições existenciais da alta modernidade, criticando-as com base em seu imaginário religioso, acabando por representá-la como um simulacro da realidade ou, ainda, um alheamento das estruturas marcantes da atual conjuntura social.

No que se refere à questão da difusão interna de um discurso de “volta às raízes” em indivíduos contemporâneos, questionamos os membros da comunidade acerca do significado que esta tinha para eles. Tal análise sugere que a busca pela comunidade surgia da necessidade de um lugar comum, em função dos fatos vivenciados na alta modernidade, como esvaziamento cultural, destradicionalização, individualismo e desenraizamento social, como parece estar claro nas respostas dos membros:

Eu sempre tive esse desejo de viver em comunidade. (...) Meu primeiro contato com a ideia se deu quando eu cheguei não aqui na Pequena Via, mas na Canção Nova, pela primeira vez, para um retiro. Estava tendo adoração ao santíssimo e aquilo mexeu tanto

comigo, aquele momento de oração, eu pensei: Meu Deus, que é isso de comunidade? E aquilo começou a fazer perguntas dentro de mim: O que era aquilo? De onde que vem? E eu comecei a perguntar aos meninos: O que é isso? Comunidade? Como é? E naquela época uma amiga me explicou o que era, e aquilo me incomodava e eu senti que algo dentro de mim tinha respondido que era isso! Eu não sabia o que era viver em comunidade, todo mundo junto, podendo se amar através das suas limitações, aceitando um ao outro, e pensei: Nossa, que máximo isso!

É possível perceber nesta colocação que a Fraternidade Pequena Via parece cumprir, para nosso entrevistado, o papel que se relaciona à família, fornecendo pontos e elementos de segurança e estabilidade social face a um contexto externo de instabilidades e fluidez, característicos de um momento em que as condições de modernidade se tornam mais intensas. Nessa linha de análise, Mariz (2009) salienta que o apelo por essas comunidades se deve, sobretudo, à fragilidade das famílias na contemporaneidade, vistas como perdendo a capacidade de desempenhar as funções que se espera delas, como, por exemplo, oferecer apoio afetivo e moral às crianças e demais membros. É importante destacar que esse apelo parece ser mais forte para os jovens, uma vez que se encontram em uma etapa da vida em que muitas vezes se afastaram da família pela primeira vez, tendo que enfrentar questões práticas para entrar no mercado de trabalho, somado ao fato de se verem diante de valores religiosos e morais por vezes conflitantes⁸. Tal condição é a mais comum entre os jovens membros da Fraternidade Pequena Via, que chegam a Viçosa para cursar a universidade, deixando em suas cidades de origem as famílias, amigos e suas condições socioculturais mais solidamente elaboradas no curso de suas histórias de vida.

Conforme podemos notar no regimento da comunidade, as ideias religiosas permeiam fortemente seus postulados, criando uma identidade caracterizada por laços de confiança. Estes postulados sugerem uma integração dada pela busca de ideais comuns e pelo estabelecimento de valores sobre os quais se sustentaria a vivência em comunidade. Entre estes ideais comuns, os membros da Fraternidade Pequena Via destacam a humildade, o abandono, a confiança e o amor, que são concebidos sob o nome de Carismas e representam a própria identidade da Comunidade, uma vez que é como os membros a entendem e geralmente a definem.

Este aspecto pôde ser verificado pelas entrevistas feitas com os membros, que, quando perguntados sobre os objetivos da comunidade, apresentavam uma resposta semelhante:

⁸ De acordo com Mariz (2009), a crise econômica intensifica a dificuldade para a convivência na família de origem e por outro lado, pode restringir a possibilidade de emancipação dessa e a construção de uma nova família, o que se daria, entre outros exemplos, por meio do casamento.

A partir desta inspiração original, como Santa Terezinha, os irmãos da Fraternidade Pequena Via pretendem encontrar um caminho novo, compatível com a própria pequenez, que coloque a santidade ao alcance de todos.” O carisma seria como “o nome de família que cria laços sociais entre os indivíduos, em torno de uma identidade comum, que proporciona aos membros do grupo se reconhecerem como ligados a outros, como se fossem membros de uma mesma família.

O que nos parece mais interessante ao estudar a construção da Fraternidade Pequena Via na qualidade de comunidade religiosa é o fato de ela se encontrar em uma cidade universitária como Viçosa, onde os indivíduos têm suas origens nos mais distintos pontos do país. Dotados de culturas e valores diversos, muitos destes sujeitos, em sua maioria estudantes universitários e pesquisadores, não dispõem de família ou quaisquer outros vínculos de pertencimento ao chegarem a Viçosa. A hipótese que levantamos na nossa pesquisa foi a de que estes sujeitos estariam buscando nessa comunidade reconstruir laços perdidos em um contexto marcado pela alta modernidade, quando valores como o individualismo e a competitividade poderiam enfraquecer a coesão social. Tais considerações nos parecem mais claras quando observamos nas entrevistas a importância dada ao papel que a comunidade representa para a experiência de vida de cada um deles. Os membros da Fraternidade Pequena Via não parecem se fechar ou mesmo se isolar em relação ao mundo exterior, mas, antes, parecem perceber nele o desafio para o cumprimento de uma missão, que teria função primordial para a existência da comunidade. Esta missão estaria focada no combate ao individualismo e à competitividade do mundo moderno. Em várias falas, os entrevistados destacam a criação e a manutenção de vínculos com o mundo externo como forma de atuação e cumprimento dos objetivos de vida fundamentados na comunidade:

O carisma é a essência da comunidade, é o que a faz existir. Eles nos dão a nossa missão, que vai além dos muros da chácara. Ela entra em outros lugares, como, por exemplo, a Universidade. Existe um papel missionário da comunidade que nos leva para o mundo.

Dessa forma, a maioria dos membros mantém o seu trabalho e sua vida cotidiana fora da comunidade, relacionando-se com outras pessoas, estando em contato com valores diversos daqueles que se percebem estruturados dentro da comunidade. Este contato é, de acordo com os membros, importante para a própria reflexão da vida e da prática que afirmam ter dentro da comunidade e dos objetivos que ela coloca para a realização de seus trabalhos. Uma fala parece traduzir bem esta análise:

O meu trabalho na universidade é extremamente importante para mim, principalmente no crescimento humano, por poder me relacionar com outras pessoas, de outras formas, algumas de outras religiões, outras que não têm religião, crescemos muito com isso

(...). E eu gosto muito também de sair encontrar os jovens, e isso é importante porque a gente conhece a realidade, conversa com muitas pessoas, que não fazem parte do mesmo universo, mas que nos fazem crescer (...). Então eu vou a bares, aqui em Viçosa, eu vou também ao Shopping, restaurantes, pizzarias, lugares onde a gente pode se sentar, conversar, viver a experiência do outro.

Em consonância com Castells (2002), os depoimentos coletados nos permitem perceber que na Fraternidade Pequena Via tem se consolidando uma *identidade de projeto*, ou seja, seus membros parecem buscar uma redefinição dentro da sociedade em relação aos valores morais e religiosos. Em sentido mais amplo, parecem buscar expandir as suas ideias e concepções de mundo, na tentativa da mudança de uma postura geral em relação aos valores e moralidades presentes no contexto da alta modernidade. Assim, faz-se mister destacar que a construção da Fraternidade Pequena Via não aponta para um isolamento dos seus membros face à realidade do mundo exterior, sendo justamente o compromisso em atuar nesta sociedade que lhes fornece o sentimento de pertencimento e enraizamento social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como enquadrar as comunidades religiosas em um momento histórico marcado pela instabilidade e ressignificação cultural? Seria este enquadramento uma reaparição anacrônica, a reconstrução de traços de identidade tradicionais, uma volta ao tradicional?

Com base nas entrevistas e no trabalho de observação realizado na Fraternidade Pequena Via, percebemos relação entre o desenraizamento social presente na alta modernidade e o fator motivador da adesão das pessoas à comunidade. É insignificante a presença de nativos de Viçosa no corpo dos membros. A esmagadora maioria dos que a integram vêm de outras partes do país, encontrando, neste grupo, apoio face às dificuldades vivenciadas de forma comum. Parece, também, estar presente nesta comunidade religiosa uma necessidade de contribuição para a melhoria da qualidade vida das pessoas que entendem como parte de seu entorno, ainda que esta ajuda se restrinja ao campo espiritual ou moral. A Fraternidade Pequena Via mantém um centro educacional que presta assistência às famílias do entorno de sua chácara sede. Tal atividade reforça a análise de que estas comunidades podem ser marcadas, não por um fechamento sobre si mesmas, mas, antes, por uma busca de inserção social.

Assim, é possível perceber que a religiosidade tende a emergir na alta modernidade como uma possibilidade de construção de novos vínculos de pertencimento, ressignificando as formas de identidade social em torno dos valores religiosos presentes na tradição histórica. Essa pode ser uma resposta da própria sociedade da alta modernidade à intensificação do caráter de individualização que marca os nossos tempos, que se faz notar, entre outros fatores,

pela desintegração dos valores da família e das formas de convivência coletiva, como a própria Igreja, que tradicionalmente desempenhava um papel institucional voltado para a integração social.

Com isso, a experiência religiosa neste contexto de fragmentação social parece caracterizar-se por uma nova prática, aglutinando diferentes sujeitos que veem a sociedade individualista e materialista como um sinal da falência do mundo. Nesse movimento, enquadram-se as comunidades religiosas que se organizam com o desejo de contrapor-se a essa sociedade, “criando” ou representando um mundo onde as condições de vida e trabalho possam parecer menos hostis, em sua concepção religiosa, mais fraternas e humanas. Tal processo, muito embora não indique as respostas absolutamente claras de suas motivações e consequências, pode explicar o surgimento e a multiplicação de novas identidades e representações coletivas em diversos contextos sociais.

Nesta linha de análise, tudo indica que as comunidades religiosas surgidas a partir do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC) seguem essa tendência, ganhando importância e projeção nas últimas décadas. A Fraternidade Pequena Via, dentro deste escopo, parece crescer justamente pelas críticas em relação aos valores da vida secular da alta modernidade, percebidos como uma ameaça aos valores cristãos e à própria vida familiar. É a partir desses argumentos que as comunidades religiosas, entendidas como grupos que se organizam para resistir aos efeitos da alta modernidade, se tornam importantes para compreender como as identidades sociais no mundo atual são moldadas e de que maneira pode significar a constituição de novas formas de pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, Elizabeth G. *A religiosidade de universitários católicos carismáticos em Viçosa*. 2002, 168p. Tese (Mestrado em Extensão Rural). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP, 1995.
- HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e Identidade*. A rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.
- HALL, Stuart. *Da diáspora - Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MARIZ, Cecília Loreto. (2009). “Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião”. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2009.
- PEREIRA, Máira Teixeira. *Arquitetura como um microcosmo: Religiosidade e representação do espaço na comunidade do Matutu - MG*. 2003, 142f. Tese (Mestrado em Extensão Rural). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2003.
- REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. “Os Universitários e a Transcendência - Visão geral, visão local”. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_ribeiro.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2009.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 11 ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

Recebido em: 15/09/2011

Aceito em: 05/10/2011